



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANA BEATRIZ DE MORAES LIMA

**ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO: UM ESTUDO DESCRITIVISTA DAS  
EXPRESSÕES METAFÓRICAS UTILIZADAS EM ROMEU E JULIETA**

Recife

2022

ANA BEATRIZ DE MORAES LIMA

**ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO: UM ESTUDO DESCRITIVISTA DAS  
EXPRESSÕES METAFÓRICAS UTILIZADAS EM ROMEU E JULIETA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso  
de Graduação em Letras – Bacharelado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Arlene Koglin

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Ana Beatriz de Moraes.

Estratégias de tradução: um estudo descritivista das expressões metafóricas utilizadas em Romeu e Julieta / Ana Beatriz de Moraes Lima. - Recife, 2022.  
58p : il., tab.

Orientador(a): Arlene Koglin

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Estudos da Tradução. 2. Estratégias de tradução. 3. Expressões metafóricas.  
4. Romeu e Julieta. I. Koglin, Arlene. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

ANA BEATRIZ DE MORAES LIMA

**ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO: UM ESTUDO DESCRITIVISTA DAS  
EXPRESSÕES METAFÓRICAS UTILIZADAS EM ROMEU E JULIETA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco  
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Data:

---

Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Arlene Koglin

Universidade Federal de Pernambuco

---

Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kyoko Sekino

Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cleide, por todo amor e cuidado, por todas as vezes que me acalmou, pelos "momentinhos" compartilhados, por ter me ensinado que devo ir em frente, mesmo quando estiver com medo e por sempre ter acreditado que eu seria grande.

Ao meu pai, Luiz, pela companhia constante, por todas as tardes assistindo GloboNews, por ter comprado *brownies* para mim nos momentos difíceis, por sempre estar disposto a fazer qualquer coisa para me ajudar e por nunca ter me deixado desanimar.

Ao meu irmão, Adson, pelos conselhos preciosos, por todos os "tas fazendo um bom trabalho, Thix, continua assim", pelo constante lembrete de que tudo dá certo no fim, por mais que a minha cabeça tente me convencer do contrário e por sempre estar a somente uma ligação de distância.

À minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Arlene Koglin, por ter confiado no meu projeto e no meu potencial, por toda a paciência e por ter me guiado nesse processo, serei eternamente grata.

Às amigas que fiz na faculdade, Ana e Bruna, pela conexão extraordinária que eu achei que só existia nos livros e pelos momentos inesquecíveis que compartilhamos nesses 5 anos.

À irmã mais velha que agora eu tenho, Izye, por sempre me motivar a escrever (seja o meu TCC ou meu futuro livro) e por ter me ajudado a entender que não tem nada de errado em ser quem eu sou.

À minha "prima-gêmea", Aina, pelas muitas ligações de vídeo, por cuidar de mim, mesmo com a rotina super corrida, por ter me feito rir nos momentos em que eu mais precisei e por ter me apoiado diariamente.

Ao meu namorado e melhor amigo, Guilherme, pelas infinitas ligações de madrugada, pelas indicações de música para escutar enquanto escrevia e por ter me distraído nos dias difíceis, toda caminhada é muito mais leve e divertida com você ao meu lado.

## RESUMO

Considerando as dificuldades de tradução das metáforas, este estudo apresenta uma análise descritivista das expressões metafóricas presentes na tradução da obra literária *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Recorrendo à Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) de Lakoff e Johnson (2002), esta pesquisa tem como principal objetivo investigar as estratégias tradutórias das metáforas utilizadas em *Romeu e Julieta* no par linguístico Inglês/Português. Mais especificamente, procura identificar qual estratégia de tradução foi predominante na obra, considerando as alternativas descritas por Van den Broeck (1981) e Toury (1995), bem como descrever as escolhas tradutórias das metáforas utilizadas. Partindo de uma abordagem quantitativa, o trabalho utiliza a edição em inglês da editora Grapevine (2019) e a edição em português da editora L&PM (2009), que conta com a tradução de Beatriz Viégas-Faria. Com essa finalidade, o procedimento para identificação de metáforas (*Metaphor Identification Procedure Vrije Universiteit* – MIPVU) foi aplicado, possibilitando a coleta de 52 expressões metafóricas. Os resultados alcançados mostram que 3 das 6 estratégias descritas foram utilizadas na obra e que a *stricto sensu* teve a maior frequência, com 44% das ocorrências registradas. Uma provável explicação para a predominância dessa estratégia é a existência de uma correlação metafórica existente entre a língua inglesa e a portuguesa, o que teria viabilizado a transferência do tópico e do veículo da língua fonte para a língua alvo.

**Palavras-chave:** Estratégias de tradução. Expressões metafóricas. *Romeu e Julieta*.

## ABSTRACT

Considering the difficulties regarding metaphor translation, this study presents a descriptivist analysis of the metaphorical expressions present in the translation of the literary work *Romeo and Juliet*, by William Shakespeare. Resorting to the Conceptual Metaphor Theory of Lakoff and Johnson (2002), this study aims at investigating the translation strategies of metaphors used in *Romeo and Juliet* in the English/Portuguese language pair. More specifically, it seeks to identify which translation strategy was predominant in the work, considering the alternatives described by Van den Broeck (1981) and Toury (1995), as well as to describe the translation choices of the metaphors used. Based on a quantitative methodology, this research uses the English edition from Grapevine (2019) and the Portuguese edition from L&PM (2009), which counts on the translation of Beatriz Viégas-Faria. To this end, the Metaphor Identification Procedure Vrije Universiteit (MIPVU) was applied, allowing the collection of 52 metaphorical expressions. The results show that 3 out of 6 strategies described were used and that the *stricto sensu* strategy had the highest frequency, with 44% of the registered occurrences. A probable explanation for the predominance of this strategy is the existence of a metaphorical correlation between English and Portuguese, which would have enabled the transfer of the topic and the vehicle from the source language to the target language.

**Keywords:** Translation strategies. Metaphorical expressions. *Romeo and Juliet*.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Mapa dos Estudos da Tradução (HOLMES, 1995).....12

Figura 2 – Estratégias de tradução utilizadas nos Atos I e II.....28

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A TRADUÇÃO E O USO DE METÁFORAS.....	11
2.1 Tradução e suas diferentes abordagens.....	11
2.2 Tradução da metáfora.....	14
2.3 Estratégias de tradução das metáforas.....	18
3 METODOLOGIA.....	21
3.1 Coleta de dados.....	21
3.1.1 Identificação das metáforas.....	22
3.2 Análise de dados.....	26
4 RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO.....	28
5 CONCLUSÕES.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A.....	40
APÊNDICE B.....	49

## 1 INTRODUÇÃO

Com origem na palavra latina *translatio*, que significa “transferência”, o termo *tradução* é conceituado no Minidicionário Houaiss (2003, p. 514) como a “transposição de uma língua para outra” e de modo geral, essa é a definição mais comum de ser encontrada. No entanto, inúmeros estudiosos continuam a se debruçar sobre a tradução, a fim de investigar e descrever o ato de traduzir como um todo. Por essa razão, diferentes teorias e abordagens foram criadas, fazendo com que o termo ganhasse uma variedade de definições.

Nesse contexto, Shuttleworth e Cowie (1997) pontuam a existência de três abordagens da tradução, tais quais: linguística, funcionalista e descritivista. Catford (1980) é um dos teóricos que, dentro da perspectiva linguística, defende que a tradução deve ser adotada a partir da noção da equivalência, deixando de lado, por exemplo, aspectos culturais e geográficos, levando em consideração apenas questões voltadas à linguagem. A abordagem funcionalista, com base nos estudos de Reiss & Vermeer (1984) e Nord (2001), toma para si o princípio da funcionalidade e foca tanto na “função”, quanto na “intenção” de cada tradução. Toury (1995) compreende que, para a perspectiva descritivista, a tradução é um trabalho que envolve, pelo menos, duas línguas diferentes e conseqüentemente, duas culturais distintas, de maneira que diversas questões — entre elas, culturais, temporais, linguísticas e geográficas — precisam ser identificadas e consideradas, para que uma tradução adequada ao contexto de chegada possa ser realizada.

As variações no conceito de metáfora e as diferenças culturais entre as línguas envolvidas na tradução são exemplos das barreiras enfrentadas durante o processo de tradução.

A título de contextualização, em a *Poética*, Aristóteles estabelece o conceito tradicional de metáfora como “o transporte a uma coisa de um nome que designa um outro, transporte quer do gênero à espécie, quer da espécie ao gênero, quer da espécie à espécie ou segundo a relação de analogia” (Aristóteles, 1998, p. 134). Ele também determina que a metáfora está intrinsecamente ligada à retórica. A partir dessa definição, cada gramático e teórico pôde definir a metáfora à sua própria maneira, gerando variados conceitos.

Lakoff e Johnson (2002) quebram, no início da década de 80, com o conceito tradicional de metáfora e afirmam que ela pode ser compreendida a partir do entendimento de mundo dos indivíduos, ganhando um valor conceitual. Segundo Lakoff (1993, p. 244-245), ela é o principal mecanismo que possibilita a compreensão de conceitos complexos e a realização de pensamentos abstratos por meio da experiência individual de cada cidadão.

Além disso, a metáfora é entendida como “uma representação mental”. Ela é cognitiva (existe na mente e atua no pensamento) e abstrata, tomando forma na fala e na escrita por meio das expressões metafóricas” (SARDINHA, 2007, p. 32). De modo que as expressões metafóricas são consideradas manifestações linguísticas de uma metáfora conceitual.

Considerando que a metáfora está intrinsecamente ligada à cultura e que as especificidades culturais de cada localidade tem um impacto direto na compreensão das expressões metafóricas como um todo, Stienstra (1993 apud SCHÄFFNER, 2004) aponta, sob uma abordagem cognitiva, a existência de três grupos de metáforas: i) metáforas universais, ii) metáforas culturais que se sobrepõem e iii) metáforas específicas de uma única cultura.

A tradução de metáforas, por sua vez, pode ser um trabalho desafiador. Por consequência, van den Broeck (1981) e Toury (1995) descrevem algumas estratégias para a tradução de metáforas, com o propósito de sugerir alternativas para que as traduções se adequem ao contexto de chegada.

Sob a abordagem descritivista de tradução, este estudo tem como principal objetivo investigar as estratégias tradutórias das metáforas utilizadas na tradução de *Romeu e Julieta* no par linguístico Inglês/Português. Mais especificamente, procura analisar qual estratégia de tradução apareceu com maior frequência na obra, bem como descrever as escolhas tradutórias das metáforas utilizadas.

A escolha de estudar a tradução de metáforas se justifica por sua relevância nos âmbitos linguísticos e culturais, tendo em vista que Lakoff e Johnson afirmam que “a metáfora desempenha um papel essencial na linguagem cotidiana e no pensamento” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 43). De maneira que este estudo, a fim de contribuir no campo da tradução, se propôs a investigar as alternativas de transferência da metáfora de uma língua e cultura para outra.

Para tanto, esta pesquisa foi estruturada a partir da divisão de quatro capítulos compostos de seções. O capítulo 2, por sua vez, é dividido em três seções. Na seção 2.1,

uma contextualização a respeito da tradução é apresentada, propondo uma retrospectiva com propósito de discutir o surgimento da área, suas principais divisões e as diferentes abordagens da tradução. Com essa finalidade, os estudos realizados por Holmes (1988), Shuttleworth e Cowie (1997), Catford (1980), Nord (2001), Toury (1995) foram consultados.

Em seguida, na seção 2.2, o conceito de metáfora é abordado, destacando também as dificuldades enfrentadas pelos tradutores durante o processo de tradução das metáforas. Para isso, autores como Ferreira (1992), Sacconi (1999), Lakoff e Johnson (2002), Souza (2004), Stienstra (1993), Schäffner (2004), Aldrigue (2007) e Sardinha (2007) são utilizados como base. Posteriormente, na seção 2.3, seis estratégias de tradução são apresentadas, sendo van den Broeck (1981) responsável por três possibilidades e Toury (1995) pelas outras três.

Por sua vez, o capítulo 3 é dividido em duas seções. A seção 3.1 é constituída pelos aspectos metodológicos da pesquisa. Tem como objetivo apontar como foi realizada a coleta de dados e descrever como as metáforas foram identificadas através do *Metaphor Identification Procedure Vrije Universiteit*<sup>1</sup> — MIPVU. Já a seção 3.2 tem como objetivo detalhar como a análise foi realizada.

Logo depois, no capítulo 4, a análise dos dados levantados é realizada, levando em consideração a abordagem descritivista. Por fim, o capítulo 5 é destinado às conclusões do estudo realizado, revisitando as principais questões discutidas e evidenciando os resultados encontrados.

---

<sup>1</sup> Procedimento de identificação de metáforas da Universidade Livre de Amsterdã (tradução da autora).

## 2 A TRADUÇÃO E O USO DE METÁFORAS

Este capítulo está dividido em três seções: Tradução e suas diferentes abordagens, Tradução de metáforas e Estratégias de tradução das metáforas. A primeira contextualiza os Estudos da Tradução e descreve três abordagens da tradução, com foco no descritivismo. A segunda, por sua vez, aborda as diferentes perspectivas relacionadas à metáfora e pontua as dificuldades encontradas pelos tradutores durante a tradução dessas metáforas. E a terceira, por fim, trata das estratégias de tradução das metáforas.

### 2.1 Tradução e suas diferentes abordagens

O interesse pela tradução é praticamente tão antigo quanto a própria civilização humana; no entanto, foi a partir da descoberta e da tradução da Pedra Rosetta, no século II a.C, que a história da tradução teve seu início oficial. Porém, a tradução somente passou a ser entendida como uma teoria no século XV e foi durante o século XX, que James Holmes, em 1972, sugeriu a criação do campo disciplinar chamado Estudos da Tradução — *Translation Studies*, no original.

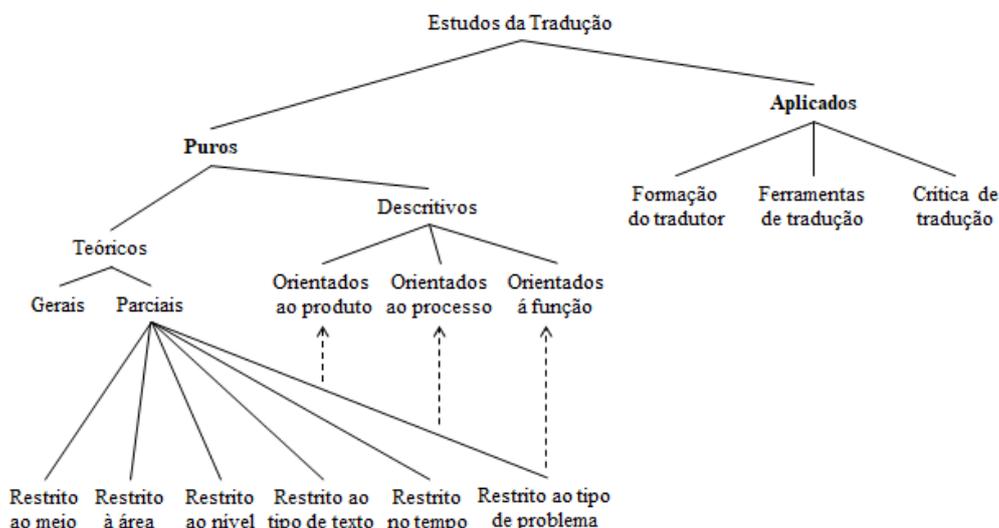
Essa disciplina empírica tem dois principais objetivos: “descrever os fenômenos da atividade tradutória [...] e estabelecer os princípios gerais pelos quais esses fenômenos podem ser explicados e previstos”<sup>2</sup> (HOLMES, 1988, p.70-71)<sup>3</sup>. Em seu artigo *The name and nature of Translation Studies* (1988), Holmes divide a área em dois grandes grupos: os Estudos da Tradução puros e os Estudos da Tradução aplicados. O primeiro está relacionado aos estudos descritivos e aos estudos teóricos da tradução, enquanto o segundo está voltado à formação do tradutor, às ferramentas de apoio utilizadas e à crítica de tradução. A disposição exata pode ser vista no diagrama a seguir:

---

<sup>2</sup> Tradução da autora.

<sup>3</sup> [...] translation studies thus have two main objectives: (1) to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted.

**Figura 1 - Mapa dos Estudos da Tradução (HOLMES, 1995)**



Fonte: adaptado e traduzido pela autora a partir do modelo utilizado por Munday (2016, p. 17).

Holmes (1988, 1995), como pode ser visto na Figura 1, divide os Estudos Descritivos da Tradução em três abordagens distintas: estudos da tradução orientados à função — voltados ao estudo dos contextos relacionados à cultura de chegada —, estudos da tradução orientados ao processo — focados na elaboração da tradução e nos métodos utilizados pelo tradutor — e por fim, estudos da tradução orientados ao produto — compenetrados a descrever as traduções existentes.

Apesar de, inicialmente, ter sido concebida por Holmes (1988, 1995) como uma subdisciplina de linguística aplicada, os Estudos da Tradução, com o passar dos anos, adotaram métodos e conceitos vinculados a outras disciplinas, como é o caso da Linguística Textual, dos Estudos em Comunicação, da Sociolinguística, da Psicolinguística, da Pragmática, da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais (SCHÄFFENER, 2004). Portanto, o ato de traduzir é intermediado por uma multiplicidade de abordagens.

Mesmo sendo um campo de estudos relativamente novo, observa-se que há muitas definições de tradução, já que, segundo Shuttleworth e Cowie (1997, p.181), o termo possui uma ampla quantidade de significados e pode ser compreendido de diversas maneiras, podendo ser levado em consideração não só como processo, mas também como produto.

Além disso, Shuttleworth e Cowie (1997) estabelecem quatro subtipos de tradução — tradução literária, tradução técnica, legendagem e tradução automática — e três abordagens de tradução — linguística, funcionalista e descritivista.

O primeiro subtipo descrito faz referência à tradução de textos literários. Nesse caso, é necessário que o tradutor possua um conhecimento extralinguístico vasto, já que ele precisa, por exemplo, conhecer o país do autor e as peculiaridades linguísticas da região para fazer uma tradução adequada, uma vez que Willemsen (1986) defende que não é o suficiente somente ler o livro e traduzi-lo, mas também é preciso “traduzir o escritor”.

Apesar de ser mencionado, Shuttleworth e Cowie (1997) não trazem um conceito claro para a tradução técnica. No entanto, é possível compreender que este segundo subtipo diz respeito à tradução de materiais técnicos e textos especializados.

A legendagem, por sua vez, surge como o terceiro subtipo proposto e é conceituado como “um termo usado para se referir a um dos métodos de transferência linguística usado na tradução de tipos de comunicação audiovisual de massa como filmes e televisão” (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997, p. 163).

A tradução automática — também chamada de tradução de máquina — é o quarto subtipo abordado por Shuttleworth e Cowie (1997) e diz respeito à tradução realizada por um computador em sua totalidade ou, em certos casos, parcialmente.

Relacionado às concepções determinadas por Shuttleworth e Cowie (1997), Catford (1980, p. 22) deixa claro que a tradução para perspectiva linguística surge a partir da noção da equivalência e pode ser descrita como "a substituição de material textual numa língua (LF [língua fonte]) por um material textual equivalente noutra língua (LM [língua meta])". Nesse caso, aspectos culturais, históricos, temporais e espaciais, assim como o próprio agente da tradução não são levados em consideração.

Por outro lado, Nord (2001) pontua que o conceito de tradução foi transformado diante dos estudos realizados pelas funcionalistas Katharina Reiss e Hans J. Vermeer (1984), que trataram de deixar de lado a noção da equivalência e tomar como princípio a funcionalidade. Nessa perspectiva, a tradução passou a ser vista a partir do enfoque na “função” e na “intenção”, levando bastante em consideração aspectos culturais.

Nord (2001, p. 60) ainda afirma que o tradutor deve fazer uso dos seguintes princípios básicos para realizar uma tradução funcionalista: saber a função do texto alvo, para quem a tradução é direcionada, o tempo e espaço de recepção do texto, o

meio no qual ele será distribuído e a intenção que o leva a ser produzido na língua fonte e reproduzido na língua alvo.

Por outro lado, Toury (1995, p. 56) esclarece que, para o descritivismo, a tradução é definida como "um tipo que, inevitavelmente, envolve pelo menos duas línguas e duas tradições culturais", de modo que é notável a importância do aspecto cultural para esta perspectiva, assim como para o funcionalismo.

A tradução, nessa abordagem, é compreendida como muito mais que uma simples "cópia" traduzida, já que aqui diversos fatores são considerados, não somente o material original. Além disso, os estudos descritivos tendem a analisar as traduções, com o objetivo de identificar e determinar quais fatores contribuem para a criação de produtos distintos. Toury (1995) ainda aponta que a tradução deve ser observada como um todo e não separadamente, uma vez que as três áreas são interdependentes.

De maneira que Toury (1995) propõe alguns procedimentos para o estudo descritivo da tradução. Primeiramente, deve-se observar se o texto traduzido é bem aceito na língua alvo. Em seguida, uma análise comparativa entre o texto fonte e o texto alvo deve ser realizada com o objetivo de identificar os problemas de tradução. A seguir, deve-se descrever as soluções propostas para estes problemas. E, por fim, hipóteses referentes a essas soluções devem ser levantadas. Somente assim as escolhas tradutórias podem ser analisadas.

É importante mencionar que, apesar de descrever estes procedimentos em ordem, o autor acredita que os estudos descritivos não são necessariamente lineares, de modo que, por exemplo, as hipóteses podem ser elaboradas no início da pesquisa e repensadas no decorrer do estudo.

Porém, independentemente da abordagem utilizada, uma questão que intriga boa parte dos estudiosos é como funciona a tradução das metáforas e quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos tradutores.

## **2.2 Tradução da metáfora**

A metáfora é comumente entendida como uma figura de linguagem, apenas mais um recurso linguístico utilizado, principalmente, nos textos literários com o objetivo de inovar no modo de se expressar, transmitir mais emoção e enriquecer a comunicação como um todo.

As gramáticas mais tradicionais ainda utilizam como base o conceito aristotélico de metáfora, como pode ser visto em *Aprender e Praticar Gramática* (2014). Mauro Ferreira, nessa ocasião, conceituou a metáfora como um recurso poético e defendeu que ela pode ser definida como "[...] o emprego de uma palavra com sentido diferente do seu sentido usual, baseado em uma comparação implícita (subentendida) entre características comuns a dois elementos." (FERREIRA, 2014, p. 68). O mesmo acontece em *Nossa Gramática: teoria e prática*, de Luiz Antonio Sacconi (1999), onde a metáfora é conceituada como "o emprego de palavras fora de seu sentido normal, por efeito de analogia (comparação)" (SACCONI, 1999, p. 492).

Em contrapartida, concepções modernas entendem a metáfora a partir de uma noção cognitiva. Grimm-Cabral (2000, p.53), por exemplo, define a metáfora como "o resultado de um processo cognitivo através do qual o escritor, ao se referir a um elemento X, usa a denominação do elemento Y."

Sob esta perspectiva, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson quebram com a concepção da metáfora como um ornamento retórico, quando publicam, em 1980, *Metáforas da Vida Cotidiana — Metaphors we live by*, no original. Lakoff e Johnson (2002) estabelecem a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) e determinaram que a metáfora não pode ser vista como uma questão restrita a textos em prosa e em verso, já que "a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação" (LAKOFF & JOHNSON, 2002).

Para Lakoff e Johnson (1993, 2002), a metáfora apresenta um valor conceitual e integra o processo de compreensão humano, de maneira que está diretamente ligada ao nosso entendimento do mundo. Portanto, questões como experiências e valores pessoais, assim como aspectos culturais, precisam ser levados em consideração no entendimento de uma metáfora (SOUZA, 2004).

A metáfora pode ser compreendida através do mapeamento conceitual, que é o conjunto de correspondências conceituais, que ligam um domínio alvo a um domínio fonte. Estes mapeamentos são, geralmente, representados pela seguinte estrutura, que deve sempre aparecer em caixa alta: DOMÍNIO FONTE É DOMÍNIO ALVO. De modo que Souza (2004, p. 51) vai descrever a metáfora como "a superposição de dois ou mais esquemas conceituais, levando à suspensão de conceitos ordinários envolvidos, ao rearranjo e à criação de um novo esquema conceitual".

A título de ilustração, recorreremos à metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, analisada por Lakoff e Johnson (1993, 2002). Ela pode ser compreendida levando em

conta o mapeamento de um domínio conceitual, *discussão*, em termos de outro totalmente distinto, *guerra*. Sob essa ótica, a discussão é conceituada como uma batalha, já que um conflito verbal está sendo realizado, com ataques, defesas e contra-ataques, na qual é possível ver a pessoa com quem se está discutindo como adversário ou inimigo. Desta relação conceitual, surge uma grande variedade de expressões metafóricas que podem ser observadas em nossa linguagem cotidiana, como é possível ver no exemplo a seguir: “Jamais ganhe uma discussão com ele.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.46).

A obra *Romeu e Julieta*, objeto de estudo deste trabalho, contém um grande número de metáforas. Uma delas é AMOR É MORTE, que traz o mapeamento de um domínio conceitual, *amor*, em termos de outro diferente, que neste caso é *morte*. Sob essa perspectiva, o amor pode ser entendido como algo que, se não correspondido, deve ser abandonado, já que não tem solução, assim como a morte. É possível ver a manifestação desta metáfora através da expressão metafórica "E me aconselhava a *sepultar* esse amor" (SHAKESPEARE, 2009, p. 62), que pode ser encontrada em um diálogo entre Romeu e Frei Lourenço.

Levando em consideração Aldrigue (2007, p. 30), “é importante salientarmos que para um domínio alvo podem ser utilizados vários domínios fontes”. Nesse sentido, a autora traz como exemplo o domínio alvo *amor* (como visto no exemplo de Romeu e Julieta acima), que, por sua vez, pode ter *insanidade/doença*, *fogo*, *viagem* como domínio fonte. Sendo assim, é possível compreender o *amor* (domínio alvo) por meio de diferentes domínios fontes (*insanidade/doença*, *fogo*, *viagem*), originando expressões como “Esse relacionamento é uma *loucura* sem fim [...] O nosso relacionamento é *quente* [...] Nós devemos seguir *caminhos* diferentes” (ALDRIGUE, 2007, p. 31, grifos da autora).

Schäffner (2004) entende que as especificidades culturais são noções fundamentais no que diz respeito ao processo de compreensão das metáforas. Nesse contexto, Stienstra (1993 apud SCHÄFFNER, 2004) compreende que as metáforas podem ser divididas em três grupos distintos, sendo eles: i) metáforas universais (*universal metaphors*), ii) metáforas culturais que se sobrepõem (*culture-overlapping metaphors*) e iii) metáforas específicas de uma única cultura (*culture-specific metaphors*). Stienstra (1993) ainda afirma que boa parte das experiências humanas são, de modo geral, universais ou, pelo menos, compartilhadas entre culturas semelhantes, como é o caso das culturas ocidentais

É importante destacar a diferença entre metáfora conceitual e expressão metafórica, já que estes são conceitos distintos. Observando os exemplos discutidos anteriormente, é possível entender que a expressão metafórica é “uma manifestação de uma metáfora conceitual” (SARDINHA, 2007, p. 31). Levando em consideração que a metáfora é abstrata, “uma representação mental” (SARDINHA, 2007), é por meio da expressão metafórica que ela toma forma na fala e na escrita.

É tão comum escutar e fazer uso de diversas expressões metafóricas no dia a dia, que algumas acabam sendo cristalizadas, dificultando as tentativas de recuperar o mapeamento conceitual por trás da metáfora em questão. Essas expressões metafóricas cristalizadas ficam conhecidas, popularmente, como expressões idiomáticas e algumas delas aparecem com tanta frequência no cotidiano que já são dicionarizadas. É possível, por exemplo, encontrar no Minidicionário Houaiss (2003, p. 327) a expressão “andar na linha” que, no caso, aparece sendo conceituada como “portar-se bem”, no sentido de agir corretamente.

Por outro lado, há metáforas — e por consequência, expressões metafóricas — novas, que não são utilizadas com tanta frequência no nosso cotidiano e, por esta razão, são pouco familiares aos ouvintes e aos leitores. No entanto, o uso contínuo destas metáforas faz com que elas sejam convencionalizadas e cristalizadas com o passar do tempo.

Nesse sentido, Gibbs (1994) aponta que as metáforas novas são criativas, dinâmicas e resistentes à paráfrase, enquanto as metáforas convencionais (ou expressões idiomáticas) são usuais e equivalentes a expressões literais.

Considerando as diversas questões que precisam ser levadas em conta para que o processamento dos mapeamentos conceituais possa ser bem sucedido, a área que busca traduzir as metáforas têm, então, como objetivo compreender tanto os códigos linguísticos dispostos, quanto os sistemas conceituais que podem variar entre as duas línguas envolvidas na tradução.

Sendo assim, pode ser desafiador traduzir metáforas, já que a partir da concepção cognitiva, esse trabalho vai além do material linguístico por, necessariamente, envolver conceitos metafóricos sujeitos à variação em cada contexto cultural envolvido. De modo que “diversos procedimentos de tradução foram sugeridos como soluções alternativas ao ideal de reprodução intacta da metáfora” (SCHÄFFNER, 2004).

### 2.3 Estratégias de tradução das metáforas

Tendo em vista as prováveis dificuldades no processo de tradução de metáforas, alguns autores estudaram possíveis soluções para que inadequações pudessem ser evitadas. Schäffner (2004), por exemplo, entende que se a metáfora apresenta associações distintas nas duas línguas em questão, o mais adequado seria utilizar uma metáfora correspondente na língua alvo ou fazer uso de uma paráfrase. Além disso, ela também estabelece que se as peculiaridades culturais da língua fonte desejam ser mantidas, o mais recomendado seria manter a metáfora e acrescentar uma nota explicativa — por exemplo, uma nota de rodapé.

Neste sentido, o descritivismo apresenta algumas alternativas para a tradução de metáforas com base em estudos que visavam observar o produto da tradução e descrever escolhas tradutórias em um *corpus* amplo. Van den Broeck (1981) e Toury (1995) são exemplos de autores que descrevem possíveis soluções para a tradução das metáforas por meio da abordagem descritivista.

Inicialmente, van den Broeck (1981) sugere três possibilidades — **Tradução *stricto sensu***; **Substituição**; e, por fim, **Paráfrase** —, para o processo de tradução de metáforas, como descrito abaixo:

- **Tradução *stricto sensu***: propõe transferir o tópico e o veículo do texto fonte para o texto alvo, sendo possível fazer uma tradução literal, sem afetar negativamente a compreensão. Tomemos, como exemplo, a expressão *Don't put all your eggs in one basket*, que é traduzida como "Não coloque todos os seus ovos na mesma cesta".

Nesse caso, Koglin (2008) aponta que “o primeiro [tópico] se refere àquilo de que falamos, enquanto o segundo [veículo] diz respeito ao termo da alternativa a partir do que a analogia é criada, sendo que apenas algumas características do veículo são transferidas ao tópico” (KOGLIN, 2008, p. 4).

Sendo assim, o tópico pode ser entendido como a parte não metafórica do enunciado, enquanto o veículo pode ser compreendido como a parte metafórica. De modo que, quando aplicada a estratégia *stricto sensu*, o leitor do texto fonte e o leitor do texto alvo são capazes de compreender o mesmo enunciado, já que existe o mesmo valor metafórico nas duas culturas envolvidas.

- **Substituição:** visa substituir o tópico do texto fonte por um veículo no texto alvo com um teor parecido. Um exemplo deste caso pode ser visto na expressão *My lips are sealed*, que traduzido literalmente ficaria “Meus lábios estão selados”. Por não ser tão comum em português, a tradução poderia resultar em um estranhamento por parte do leitor, de modo que substituir a expressão por “Minha boca é um túmulo” seria mais produtivo.
- **Paráfrase:** sugere traduzir a metáfora do texto fonte por uma expressão não metafórica no texto alvo, na tentativa de manter, pelo menos, a idéia geral da expressão original. Para ilustrar esta estratégia, é interessante pensar na expressão *Once in a blue moon*, que pode ser traduzida em português como “Raramente”.

Toury (1995), por sua vez, complementa as estratégias já estabelecidas por van den Broeck, sugerindo a adição de mais três possibilidades para a tradução de metáforas, sendo elas: **Omissão da metáfora (metáfora → 0)**; **Não metáfora em metáfora**; e **Inserção de metáfora (0 → metáfora)**. É importante mencionar que ele leva em consideração não só as metáforas que aparecem no texto fonte — como a maior parte dos teóricos da área, incluindo o próprio van den Broeck —, mas também aquelas que podem ser encontradas no texto alvo. Estas adições são descritas abaixo.

- **Omissão da metáfora (metáfora → 0):** propõe apagar uma metáfora no texto alvo, que, no texto fonte existia. Como exemplo, temos a expressão *I cross my heart*, que, em português, é traduzida como “Eu juro/Eu prometo”.
- **Não metáfora em metáfora:** visa adicionar uma metáfora em um enunciado, originalmente, não metafórico. Na obra *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, a expressão *I am aweary, give me leave a while* é traduzida como “Estou cansadíssima, deixa-me tomar fôlego”.

- **Inserção de metáfora (0 → metáfora):** sugere utilizar uma metáfora no texto alvo, mesmo sem uma motivação linguística no texto fonte. A expressão *Here's such a coil!*, da obra Romeu e Julieta, por exemplo, foi traduzida para o português como "Que tempestade em copo d'água!", adicionando no texto alvo uma metáfora, que não está presente no texto fonte.

É importante mencionar que tanto van den Broeck (1981) quanto Toury (1995) não prescrevem como as metáforas devem ser traduzidas, mas sim descrevem alternativas com base na análise de traduções.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, inicialmente contextualizamos, de forma breve, a obra *Romeu e Julieta* e apresentamos a tradução em português do Brasil de onde as expressões metafóricas foram selecionadas. Na sequência, apresentamos como a coleta de dados foi realizada e a quantidade de expressões selecionadas.

Na seção seguinte, descrevemos como o *Metaphor Identification Procedure Procedure Vrije Universiteit* — MIPVU foi aplicado para identificar e selecionar as expressões metáforas que serão analisadas. E por fim, detalhamos como a análise será feita, considerando quais critérios foram estabelecidos.

#### 3.1 Coleta de dados

Conhecida como a mais célebre história de amor, *Romeu e Julieta* — *Romeo and Juliet*, no original — é uma peça escrita por William Shakespeare, publicada no final do século XVI. É uma das 36 peças teatrais atribuídas ao dramaturgo inglês, segundo D’Onofrio (1990) e conta a história de Romeu Montecchio e Julieta Capuleta, dois jovens apaixonados de famílias rivais da cidade de Verona, no interior da Itália. Originalmente, escrita em verso, a obra é dividida em cinco atos. Cada ato é dividido em cenas, de tal maneira: o ato I tem cinco cenas, o ato II apresenta seis cenas, o ato III possui cinco cenas, o ato IV conta com cinco cenas e por fim, o ato V contém três cenas.

Entre as oito traduções de *Romeu e Julieta* para o português brasileiro, a edição da L&PM (2009) foi escolhida para servir como base para este trabalho, já que conta com a tradução de Beatriz Viégas-Faria, uma tradutora especialista em Shakespeare, tendo traduzido vinte peças do escritor, entre comédias, tragédias e peças históricas. Esta edição é o 130º volume da coleção L&PM Pocket e diferentemente do texto original, é escrita em prosa, mas ainda mantém a divisão em atos e uma linguagem mais poética.

A leitura da obra em inglês, por sua vez, foi realizada a partir de uma edição digital publicada pela Editora Grapevine, em 2019, que conta com o total de 123 páginas.

Nesse sentido, a coleta de dados foi realizada a partir de quatro passos específicos: 1) a leitura da obra em inglês; 2) a leitura da obra em português; 3) a identificação de metáforas em inglês e 4) a identificação de metáforas em português.

Considerando que o livro em português é dividido em cinco atos, com 166 páginas no total, foi determinado que, por motivos de extensão, somente as expressões metafóricas encontradas nos primeiros dois atos seriam levadas em conta.

### **3.1.1 Identificação das metáforas**

As metáforas foram identificadas por meio da aplicação do procedimento para identificação de metáforas identificado como *Metaphor Identification Procedure Vrije Universiteit* – MIPVU. Tendo em vista que este procedimento é um desdobramento do *Metaphor Identification Procedure* – MIP, é necessário, primeiramente, apresentar os quatro passos seguidos pelo próprio MIP, como pode ser visto abaixo:

1. Leia o texto completo para ter uma compreensão geral.
2. Defina os itens lexicais do texto. Eles devem ser separados por barras.
3. a) Para cada item lexical, determine seu significado no contexto levando em conta o que vem antes e depois.  
  
b) Para cada item lexical, indique se, no contexto do texto, ele apresenta um significado mais básico que em outros contextos. Esse significado mais básico, conforme o Grupo Pragglejaz (2007), são mais concretos — em oposição a vago —, mais antigos e relacionados a ações corpóreas. De modo geral, o significado básico não é obrigatoriamente o significado mais frequente do item lexical em questão.  
  
c) Se o item lexical tem um significado básico mais contemporâneo em outros contextos que não o que está sendo analisado, decida se o significado contextual é diferente do básico — mesmo que este possa ser compreendido como uma comparação, levando em conta o significado básico.
4. Se o significado contextual for diferente do básico, assinale o item lexical como metafórico.

Steen et al (2010) apontam que, no caso do MIPVU, os passos 1 e 2 são mantidos. Já o 3 e o 4 são ampliados, visando tratar de outras formas de metáforas — como é o caso das analogias e símiles. Outros dois passos são adicionados: o passo 5 inclui a identificação de marcas de metáfora e o passo 6 traz instruções de como lidar com os itens lexicais, como é possível ver abaixo:

1. Busque palavras relacionadas a metáforas, por meio de leitura do texto.
2. Se a palavra é usada de modo indireto e seu uso pode ser explicado a partir de algum mapeamento de domínio cruzado, levando em conta seu significado básico, marque a palavra como metafórica.
3. Se a palavra é usada de modo indireto e seu uso pode ser explicado a partir de algum mapeamento de domínio cruzado em relação a um tópico ou a um referente mais básico, marque a palavra como metáfora direta.
4. Se as palavras são usadas com o objetivo de substituir termos lexicais e gramaticais, como pronomes pessoais na terceira pessoa, ou quando ocorre elipse, e quando um significado direto ou indireto é disposto por essas substituições ou elipses, marque como metáfora implícita.
5. Se uma palavra indica a possível existência de um domínio cruzado, marque como metáfora (*metaphor flag*).
6. Se a palavra é um neologismo, siga as partes que compõem os passos 2, 3, 4 e 5.

Assim como no MIP, o MIPVU compreende que o significado metafórico surge a partir do contraste entre o significado contextual e o significado básico de um item lexical específico. Segundo Steen et al (2010), o significado básico de um item lexical é definido como o significado mais concreto e específico, sempre podendo ser encontrado nos dicionários. Nesse sentido, para a realização desse estudo, o significado básico das palavras foi consultado no Minidicionário Houaiss (2003). É possível ver abaixo a demonstração da aplicação do procedimento nas metáforas selecionadas para esta pesquisa.

#### **Metáfora 1 (M1) – [...] *sangue de barata* (p.13)**

sangue / de / barata

### **Sangue**

- a) Significado contextual: comportamento
- b) Significado básico: fluido vermelho e viscoso que corre nas veias e artérias
- c) Significado contextual vs. Significado básico: incongruente
- d) Usado metaforicamente? Sim

### **De**

- a) Significado contextual: preposição, aborda noções como: origem, causa, etc
- b) Contexto básico: preposição, aborda noções como: origem, causa, etc
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

### **Barata**

- a) Significado contextual: frio, apático
- b) Significado básico: inseto achatado
- c) Significado contextual vs. Significado básico: incongruente
- d) Usado metaforicamente? Sim

Nesse caso, a preposição *de*, mesmo não apresentando um caráter metafórico, é levada em consideração, já que aparece com o objetivo de unir dois itens lexicais: *sangue* e *barata*, criando a expressão metafórica **sangue de barata**, que se refere a alguém com um comportamento frio e apático.

### **Metáfora 2 (M2) – [...] o espírito de Diana (p. 24)**

Tem / o / espírito / de / Diana

### **Tem**

- a) Significado contextual: possui
- b) Significado básico: possui
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

**O**

- a) Significado contextual: artigo definido (a, o, as, os)
- b) Significado básico: artigo definido (a, o, as, os)
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

**Espírito**

- a) Significado contextual: comportamento parecido
- b) Significado básico: alma, parte imaterial do ser humano
- c) Significado contextual vs. Significado básico: incongruente
- d) Usado metaforicamente? Sim

**De**

- a) Significado contextual: preposição, aborda noções como: origem, causa, etc
- b) Contexto básico: preposição, aborda noções como: origem, causa, etc
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

**Diana**

- a) Significado contextual; deusa da lua e da caça, indiferente ao amor
- b) Significado básico: deusa da lua e da caça, indiferente ao amor
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

No caso ilustrado acima, a preposição de *de*, mesmo não possuindo um caráter metafórico, é novamente levada em consideração, tendo em vista se faz presente com o objetivo de unir dois itens lexicais: *espírito* e *Diana*. O termo *Diana* também ganha um certo caráter metafórico por estar associado ao termo *espírito*, uma vez que Shakespeare fez uma relação entre Rosalina, a jovem por quem Romeu estava apaixonado no início da obra, e Diana, a deusa romana da lua e da caça, tendo em vista que ambas não tinham a intenção de casar.

**Metáfora 3 (M3) – [...] leque de escolhas (p. 26)**

## **leque / de / escolha**

### **Leque**

- a) Significado contextual: conjunto de elementos
- b) Significado básico: abano que abre e fecha
- c) Significado contextual vs. Significado básico: incongruente
- d) Usado metaforicamente? Sim

### **De**

- a) Significado contextual: preposição, aborda noções como: origem, causa, etc
- b) Contexto básico: preposição, aborda noções como: origem, causa, etc
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

### **Escolhas**

- a) Significado contextual: predileção, opção
- b) Contexto básico: preposição, aborda noções como: predileção, opção
- c) Significado contextual vs. Significado básico: coincidente
- d) Usado metaforicamente? Não

Nesta ocasião, o termo *leque* possui um caráter metafórico, tendo em vista que Julieta tem poder sobre as próprias escolhas, uma vez que seu pai Capuleto afirma que não ter desejo de interferir nas decisões da filha, fazendo que Julieta tenha uma ampla extensão de opções no que diz respeito ao seu futuro.

Através da aplicação do procedimento de identificação de metáforas (como demonstrado nos exemplos acima), as expressões metafóricas que seriam analisadas foram selecionadas, fazendo com que a análise pudesse ser realizada.

## **3.2 Análise de dados**

Depois de identificar e selecionar as metáforas, o presente estudo colocou lado a lado as expressões metafóricas encontradas no texto fonte e no texto alvo, para apontar quais estratégias de tradução (detalhadas na subseção 2.3) foram utilizadas, identificar

qual teve a maior frequência na edição da L&PM (2009) e descrever as escolhas tradutórias realizadas pela tradutora.

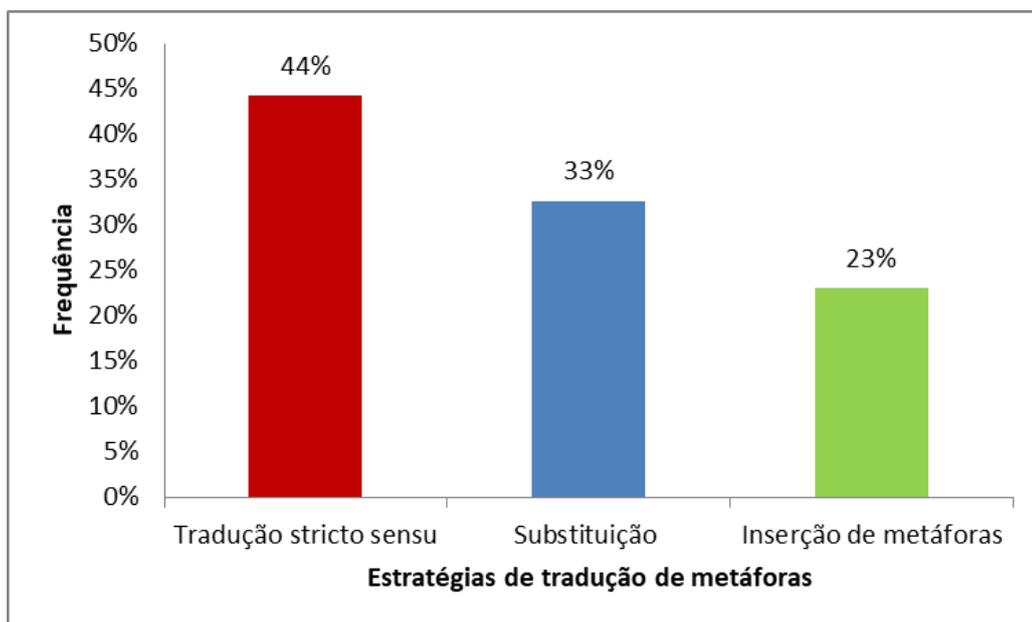
Assim, tendo apresentado os critérios que compõem o aparato metodológico desta pesquisa, avançamos para o capítulo seguinte, destinado a discutir os dados e apresentar os resultados encontrados.

## 4 RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, este estudo teve como objetivo geral mapear quais estratégias de tradução, considerando van den Broeck (1981) e Toury (1995), foram utilizadas na tradução para o português brasileiro de *Romeu e Julieta*, assim como identificar qual estratégia foi predominante na obra e descrever as escolhas tradutórias executadas. Portanto, este capítulo focou em apresentar os resultados encontrados e analisar os dados coletados.

Por motivos de extensão, apenas as metáforas encontradas nos primeiros dois atos foram levadas em conta. Sendo assim, cinquenta e duas (52) expressões metafóricas foram identificadas; sendo vinte e cinco (25) no I ato e vinte sete (27) no II. A Figura 2 apresenta quais estratégias descritas por Van den Broeck (1981) e Toury (1995) foram empregadas nos dois atos.

**Figura 2 – Estratégias de tradução utilizadas nos Atos I e II**



Fonte: elaborada pela autora

Conforme pode ser visto na Figura 2, três estratégias foram identificadas, sendo elas: a tradução *stricto sensu*, a substituição e a inserção de metáforas (0 → metáfora). As demais estratégias — paráfrase, omissão da metáfora (metáfora → 0) e não metáfora em metáfora — não foram encontradas e, por esta razão, não integram este gráfico.

A estratégia mais utilizada foi a tradução *stricto sensu* (44%), contando com 23 ocorrências nas 52 metáforas analisadas. Em seguida, a estratégia da substituição foi usada em 33% das expressões metafóricas contabilizadas, com o total de 17 ocorrências. E, por fim, a inserção de metáforas (0 → metáfora) com 24% de frequência, sendo utilizada 12 vezes.

Considerando a classificação de van den Broeck (1981), utilizou-se de forma predominante a tradução do tipo *stricto sensu*, tendo em vista que era viável fazer a transferência do tópico e do veículo da língua fonte para a língua alvo. A título de comparação, observou-se três outros estudos com objetivos, em sua maioria, semelhantes aos aqui utilizados, que apresentaram resultados similares aos alcançados por esta pesquisa, com o intuito de avaliar a utilização das estratégias de tradução em outros contextos.

O primeiro estudo, realizado por Koglin (2008), constatou, após analisar 25 expressões metafóricas retiradas da série televisiva *Friends*, a predominância da estratégia *stricto sensu* nas duas traduções analisadas (DVD e *fansubbing*). A utilização desta estratégia em detrimento das demais, seguindo as afirmativas realizadas nos estudos previamente realizados por Araújo (2003) e por Souza (2007), se deu, nesse caso, principalmente, a partir da tendência à literalidade no processo tradutório da legendagem.

O artigo publicado por Doninelli (2021) foi a segunda pesquisa observada e, neste caso, depois de analisar 10 pares de tirinhas do *Garfield*, a autora concluiu que a estratégia *stricto sensu* foi predominante. A autora apontou que esta estratégia pode indicar a existência de uma grande correspondência entre os sistemas conceituais das culturas americana e brasileira, fazendo que uma tradução literal fosse viável, já que não afetaria negativamente a compreensão do leitor. Neste caso, tendo em vista que a *stricto sensu* também foi a estratégia mais utilizada na tradução para o português brasileiro do livro *Romeu e Julieta*, é possível concluir que há uma correspondência metafórica entre as culturas inglesa e brasileira.

O terceiro estudo, desta vez realizado por Souza (2021), analisou a obra literária *A Menina que Roubava Livros — The Book Thief*, no original — e apontou quais estratégias do modelo proposto por Schmidt (2015) foram utilizadas na tradução das 14 metáforas selecionadas pela autora, dentro do par linguístico Inglês/Português. Na ocasião, Souza (2021) mostrou que o Tipo 1a (m → m), descrito como o procedimento em que “as expressões metafóricas no TP [texto de partida] e TC [texto de chegada] são

as mesmas, pertencem ao mesmo MC e tem o mesmo sentido” (SCHMIDT apud SOUZA, 2021, p. 23) foi o mais frequente, sendo utilizado em 85,7% das ocorrências.

Schmidt (2015) aponta que a estratégia Tipo 1a (m → m) pode ser utilizada pelo(a) tradutor(a) com o intuito de “chocar ou provocar os leitores” (SCHMIDT, 2015, p. 260, tradução minha). Nesse contexto, foi possível fazer uma correlação entre esta estratégia e a *stricto sensu*, uma vez que as duas possuem objetivos similares (manter a mesma expressão metafórica no texto de partida e no texto de chegada, sem alterar o mapeamento e o sentido). No entanto, esta não parece ser a razão da predominância da tradução literal em *Romeu e Julieta*, mas sim a correlação metafórica existente entre o par linguístico Inglês/Português, tendo em vista que Schäffner (2004) argumenta que uma ampla quantidade de metáforas é compartilhada quando as línguas apresentam elementos culturais em comum. Esse é o caso da língua inglesa e da língua portuguesa, considerando que as duas fazem parte de culturas ocidentais.

A título de ilustração, duas das 23 passagens identificadas em *Romeu e Julieta* que utilizam esta estratégia estão representadas nos excertos a seguir, para exemplificar e demonstrar como esta transferência foi adequada ao contexto de chegada, não impactando na compreensão do leitor.

Romeo and Juliet: “[...] she is **rich in beauty** [...]” (n.p)

Romeu e Julieta: "Ah, ela é **rica em beleza** [...]” (p. 24).

Esse primeiro trecho foi retirado de uma conversa entre Romeu e Benvólio. Romeu, na ocasião, está descrevendo Rosalina, a jovem por quem está apaixonado e quis evidenciar a beleza da moça. Nesse caso, a tradutora utilizou a tradução literal “rica em beleza”, optando por manter a expressão metafórica original *rich in beauty*, tendo em vista que essa expressão existe em ambas as culturas, corroborando com as afirmativas feitas por Schäffner (2004), a respeito da quantidade de metáforas compartilhadas quando duas línguas apresentam elementos culturais em comum.

Romeo and Juliet: “How much **salt water** thrown away in waste [...]” (n.p)

Romeu e Julieta: “Quanto desperdício de **água salgada** [...]” (p. 62)

Essa segunda passagem foi selecionada de um diálogo realizado entre Frei Lourenço e Romeu. Frei Lourenço, na conversa, está comentando sobre como os sentimentos de Romeu mudaram rapidamente, já que no início da obra ele estava encantado por Rosalina e dias depois, ele nem mesmo lembrava mais da jovem, considerando que naquele momento ele está perdidamente apaixonado por outra pessoa: Julieta. A expressão “água salgada”, nas duas culturas, pode ser compreendida, nesse contexto específico, como uma metáfora para lágrimas, tendo em vista que Frei Lourenço está afirmando que Romeu chorou pela amada. Sendo assim, considerando Schöffner (2004), a estratégia *stricto sensu* pôde ser utilizada, tendo em vista que essa expressão é comum nas duas culturas do par linguístico em questão.

A segunda estratégia de tradução mais frequente na tradução das expressões metafóricas presentes em *Romeu e Julieta* foi a substituição. Conforme mostrado na Figura 2, essa foi estratégia escolhida para traduzir 33% das expressões metafóricas selecionadas. Segundo van den Broeck (1981), ela pode ser utilizada quando o(a) tradutor(a) compreende que uma tradução palavra por palavra ou literal pode prejudicar a compreensão na língua de chegada, de modo que substituir a expressão metafórica por outra com o mesmo sentido é o mais indicado.

Koglin (2008), em seu estudo, também identificou o uso da substituição na sua análise da tradução de expressões metafóricas nas legendas de *Friends*. Nesse caso, ela ainda apontou a substituição como a segunda estratégia mais frequente, resultado semelhante ao encontrado em *Romeu e Julieta*.

Doninelli (2021), em contrapartida, não identificou o uso da estratégia da substituição nas tirinhas selecionadas e concluiu que o(a) tradutor(a) não encontrou expressões adequadas em português para efetuar a substituição, optando, então, por fazer uso da paráfrase.

Souza (2021), por sua vez, identificou o Tipo 1b, assim como o Tipo 2, em somente uma ocasião cada, de modo que estas estratégias foram utilizadas em somente 7,14% das expressões metafóricas analisadas. Levando em consideração a classificação de Schmidt (2015), o Tipo 1b é aquele em que “as expressões metafóricas são diferentes, mas pertencem à mesma MC [metáfora conceitual] e possuem sentido similar” (SCHMIDT apud SOUZA, 2021, p. 23) e o Tipo 2 é aquele em que “as expressões metafóricas são diferentes e pertencem a diferentes MCs, mas possuem sentido similar” (SCHMIDT apud SOUZA, 2021, p. 23).

Schmidt (2015, p. 260) ainda explica que o Tipo 1b ( $m \rightarrow m'$ ) pode ser utilizado com o objetivo de tornar o texto mais expressivo e mais específico ao leitor do texto alvo, enquanto o Tipo 2 tem o propósito de preservar a metafóricidade e a figuratividade no texto alvo como um todo. Apesar da taxonomia distinta, é possível concluir que essas duas classificações dialogam com a substituição, estratégia descrita por van den Broeck (1981) já que elas possuem o mesmo objetivo. Sendo assim, é possível concluir que a sua utilização neste trabalho é reflexo desse objetivo de se preservar o sentido figurado e de se utilizar das peculiaridades linguísticas e culturais da língua alvo na tradução.

Para servir de exemplo, duas ocorrências dessa estratégia foram selecionadas e pontuadas abaixo:

Romeo and Juliet: “[...] if ye should lead her in a **fool's paradise**, as they say, it were a very gross kind of behavior [...]” (n.p)

Romeu e Julieta: “[...] se está pensando em **passar-lhe a perna**, como se diz, esse seria um comportamento dos mais nojentos [...]” (p.71)”

Este primeiro excerto foi retirado de um diálogo entre Ama e Romeu. Em uma conversa particular, Ama tenta entender quais são as intenções de Romeu em relação à Julieta. No texto alvo, utilizou-se a expressão metafórica *fool's paradise*, fazendo referência a uma felicidade baseada em fatos e acontecimentos irrealis e que não retratam a realidade de fato. Nesse caso, Ama está refletindo se os sentimentos de Romeu por Julieta são verdadeiros ou se o rapaz somente está enganando a jovem com falsas juras de amor. No Brasil, a expressão “paraíso dos tolos” não é tão comum, de maneira que a tradução da L&PM (2009) optou por substituí-la por “passar a perna”, que, por outro lado, é uma expressão bastante utilizada pelos brasileiros para descrever quando alguém está ludibriando outra pessoa, contando mentiras com o objetivo de tirar vantagem. Considerando as afirmativas feitas por Schmidt (2015), é possível concluir que esta substituição preservou o sentido original do texto fonte e tornou o texto de chegada mais específico ao trazer uma expressão corriqueira da cultura brasileira.

Romeo and Juliet: “Thy wit is a **very bitter sweeting**.” (n.p)

Romeu e Julieta: “Teu humor está **meio amargo**.” (p. 67)

Já esse segundo trecho foi selecionado a partir de uma discussão entre Romeu, Mercúrio e Benvólio. Nessa ocasião, Mercúrio vai acusar Romeu de estar com um humor um tanto quanto desagradável. A expressão *very bitter sweeting* é utilizada no texto original, que é correspondente, em português, a “bastante agridoce”. No Brasil, o termo “agridoce” faz referência a algo com sabor ácido e doce, mas também quer dizer, em um sentido figurado, o comportamento severo e gentil de alguém. Neste sentido, tendo em vista que Romeu está aborrecido, a expressão original, se fosse mantida em português, talvez não fosse entendida por todos, considerando a noção de dualidade que a expressão “agridoce” carrega. Sendo assim, a tradução presente na edição da L&PM (2009) substituiu esta expressão por “amargo”, levando em conta que este termo é frequentemente utilizado em português para descrever alguém que está frustrado com algo ou alguém que está mal-humorado.

Levando em consideração que Toury (1995) observou ser possível fazer uso de metáforas no texto alvo, mesmo quando não há uma motivação linguística no texto fonte para isso, a tradução de Romeu e Julieta conta com a utilização desta estratégia (como demonstrado na Figura 2) em 23% das expressões metafóricas encontradas, ou seja, em 12 metáforas presentes nos dois primeiros atos.

Koglin (2008), Doninelli (2021) e Souza (2021) não identificaram, em seus trabalhos, a utilização da inserção de metáforas. O estudo de Koglin (2008), porém, é o único que argumenta sobre a ausência desta estratégia. A autora apontou que a “inserção de metáforas, conforme esperado, não foi utilizada em nenhum dos casos analisados” (KOGLIN, 2008, p. 87) e confirmou a hipótese criada acerca da incompatibilidade desta estratégia no âmbito da legendagem, tendo em vista que a inserção de metáfora iria contra um dos aspectos pragmáticos da legendagem, que preza pela redução da densidade lexical, em virtude do espaço limitado na tela. Na tradução literária, como é o caso de Romeu e Julieta, o espaço na página não é um empecilho para utilização da inserção de metáforas, uma vez que não existe um limite de caracteres previamente estabelecido.

O Tipo 5 (non-m → m), conceituado por Schmidt (2015), e a inserção de metáfora, descrita por Toury (1995), apresentam, apesar de pertencerem a classificações distintas, a mesma definição: traduzir uma expressão não-metafórica no texto de partida com uma expressão metafórica no texto de chegada. Schmidt (2015, p. 60, tradução minha) defende que esta estratégia é utilizada quando o tradutor tem a intenção de “aumentar a metaforicidade, figuratividade e expressividade [do texto] ou de compensar a perda destes aspectos em outros lugares [do texto]”<sup>4</sup>. Sendo assim, fazer uso de expressões metafóricas frequentemente utilizadas no cotidiano dos leitores acrescentaria expressividade ao texto.

Nesse contexto, dois exemplos da utilização dessa estratégia podem ser vistos nos excertos a seguir:

Romeo and Juliet: “[...] and it cried bitterly.” (n.p)

Romeu e Julieta: “[...] e ela **abriu o berreiro!**” (p.32)

Essa passagem foi retirada de uma conversa entre Lady Capuleto e Ama. Ama, nessa ocasião, conta que lembra de Julieta, quando criança, chorando muito após ter se machucado. No texto alvo, o termo *bitterly* foi utilizado para descrever o choro da menina. A tradução literal, nesse caso, ficaria “chorou amargamente”. No entanto, na edição da L&PM (2009), houve a adição da expressão metafórica “abriu o berreiro”, tendo em vista que esta é uma expressão muito utilizada no Brasil para fazer referência a um choro alto frequentemente associado a crianças. Esta inserção de metáfora resultou em um aumento significativo na expressividade do texto de chegada, assim como estabelecido por Schmidt (2015).

Romeo and Juliet: “For doting, not for loving, pupil mine.” (n.p)

Romeu e Julieta: “Não por amares, mas porque **babavas** por ela, meu pupilo.” (p. 62)

Por fim, esse segundo trecho diz respeito a uma conversa entre Frei Lourenço e Romeu. Nesse diálogo, Frei Lourenço afirma, sem o uso de uma expressão metafórica,

<sup>4</sup> To increase metaphoricity / figurativeness / expressivity or to compensate for the loss of it in other places.

que o jovem idolatrava Rosalina utilizando o termo *doting*. A tradução brasileira, por outro lado, adicionou ao texto de chegada a expressão "babavas por ela", muito utilizada no Brasil para descrever alguém que está muito apaixonado e faria qualquer coisa pela pessoa amada. Esta adição ocasionou, seguindo os preceitos de Schmidt (2015), o aumento da metaforicidade e evidenciou a dimensão do encanto que Romeu sentia pela moça.

Levando em consideração o estudo realizado e as três pesquisas citadas, foi possível concluir que a *stricto sensu* — ou Tipo 1a, segundo a classificação de Schmidt (2015) — foi a estratégia mais utilizada em todos os gêneros textuais analisados, tais quais: a tradução realizada por Beatriz Viégas-Faria da obra literária *Romeu e Julieta*; as legendas da série televisiva *Friends*, em duas versões distintas (DVD e *fansubbing*); a tradução das tirinhas do *Garfield*, a tradução realizada por Vera Ribeiro da obra literária *A Menina que Roubava Livros*.

Sendo assim, mesmo que a tradução de metáforas seja entendida, muitas vezes, como uma atividade desafiadora ou como "uma preocupação frequente entre os estudiosos" (SCHÄFFNER, 2004), não é possível generalizar e afirmar que a tradução da linguagem metafórica é sempre dificultosa. Considerando que as especificidades culturais da língua alvo e da língua de chegada são fundamentais no processo de compreensão das expressões metafóricas, quando duas línguas distintas compartilham aspectos culturais, a tradução é facilitada. Tendo em vista que o par linguístico Inglês/Português foi o foco das quatro pesquisas em questão, pôde-se compreender que a maior parte das expressões metafóricas utilizadas nos *corpus* analisados possuem um caráter mais universal, levando em consideração Stienstra (1993 apud SCHÄFFNER, 2004), e que permeiam as culturas envolvidas, de modo que compartilham um grande número de mapeamentos e sistemas conceituais, o que possibilitou a predominância da tradução literal.

## 5 CONCLUSÕES

O presente estudo adotou a obra *Romeu e Julieta* de William Shakespeare como base e, sob a abordagem descritivista, investigou as estratégias tradutórias das expressões metafóricas utilizadas no par linguístico Inglês/Português. Mais especificamente, procurou-se analisar qual estratégia de tradução apareceu com maior frequência na obra, bem como descrever as escolhas tradutórias das metáforas utilizadas.

Levando em conta a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) de Lakoff e Johnson (1993, 2002) e a noção de expressões metafóricas, foi possível compreender que a metáfora realmente não está somente relacionada à retórica e não pode ser compreendida apenas como um recurso poético, tendo em vista que as metáforas apresentam um valor conceitual e estão relacionados ao processo de compreensão dos seres humanos como um todo.

Considerando as estratégias descritas por van den Broeck (1981) e Gideon Toury (1995), foi possível identificar a utilização de três estratégias em *Romeu e Julieta: stricto sensu*, substituição e inserção de metáfora. Sendo assim, pôde-se entender que a tradutora escolheu preservar a linguagem metafórica presente no texto fonte (quando fez uso da *stricto sensu*), utilizar peculiaridades linguísticas e culturais da língua alvo (quando optou, nos momentos oportunos, pela substituição) e adicionar novas expressões metafóricas para evidenciar ainda mais o caráter figurado da obra (quando utilizou a inserção de metáfora).

Nesse sentido, foi constatado que a *stricto sensu* foi a estratégia predominante na edição da L&PM (2009), com 44% de frequência, sendo utilizada por Beatriz Viégas-Faria em 23 expressões metafóricas.

Tendo em vista Stienstra (1993 apud SCHÄFFNER, 2004) e os três principais grupos de metáforas, concluiu-se que boa parte das metáforas utilizadas em *Romeu e Julieta* possui um caráter mais universal e é compartilhada par linguístico Inglês/Português, tendo em vista que Schäffner (2004) aponta a existência de diversos elementos culturais que são distribuídos entre a língua inglesa e a língua portuguesa, fazendo com que fosse possível a predominância da estratégia *stricto sensu* na edição da L&PM (2009).

Levando em consideração a escolha feita de somente considerar as expressões metafóricas encontradas nos dois primeiros atos, em virtude da extensão da obra e conseqüentemente, da sua tradução, houve uma limitação na quantidade de expressões que poderiam ser analisadas. Logo, não é possível fazer generalizações sobre a estratégia predominante na obra completa.

Além da análise futura do restante das metáforas em *Romeu e Julieta*, as demais obras de William Shakespeare também podem ser estudadas por este viés teórico, tendo em vista que o autor tinha tendência a utilizar uma linguagem mais figurada, fazendo uso de diversas expressões metafóricas, sempre inovando nos dizeres, tanto em comédias quanto em tragédias

Além disso, a mesma metodologia deste trabalho pode ser aplicado a outros gêneros textuais, a fim de identificar qual estratégia de tradução é predominante em cada contexto específico e testar se a *stricto sensu* é realmente a estratégia mais utilizada independentemente do gênero investigado.

## REFERÊNCIAS

ALDRIGUE, Natália de Souza. **A metáfora conceitual como recurso argumentativo em folders turísticos**, 2007. Dissertação (Mestre em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CATFORD, John Cunnison. **A Linguistic Theory of Translation: an essay in applied linguistics**. Oxford University Press, 1965.

DONINELLI, Mariana de Andrade. **Traduzindo metáforas: uma análise comparativa em tirinhas do Garfield**. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 23, p. 394-416, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/188369>. Acesso em: 15 set. 2022.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. 4ª ed. São Paulo: FTD, 2014.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

KOGLIN, Arlene. **A tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva Friends: um estudo de legendas**, 2008. Dissertação (Mestre em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo GEIM. Campinas: EDUC, 2002.

MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. **Descriptive translation studies: uma revisão crítica**. Revista Gragoatá, Niterói, v. 13, p. 33-52, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33512>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. NY: Routledge, 2002

NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity: functionalist approaches explained**. Manchester, UK & Northampton MA: St. Jerome, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática: teoria**. 14.ed. São Paulo: Atual, 1990.

SCHÄFFNER, Christina. **Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach**. Journal of pragmatics, v. 36, p. 1253-1269, 2004. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216604000244>. Acesso em: 15 set. 2022.

SHAKESPEARE, William. **The tragedy of Romeo and Juliet**. Editora Grapevine, 2019.

\_\_\_\_\_. **Romeu e Julieta**. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre; L&PM, 2009.

SARDINHA, Tony Beber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 1997.

SOUZA, Ana Cláudia de. **Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados**, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

TOURY, Gideon. **Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

van den BROECK, Raymond. **The Limits of Translatability Exemplified by Metaphor Translation**. *Poetics Today*, v. 2, n. 4, p. 73-87, 1981.

## APÊNDICE A

Aplicação do Procedimento de Identificação de Metáforas (*Metaphor Identification Procedure Vrije Universiteit – MIPVU*).

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
I	sangue / de / barata /	sangue	comportamento	fluido vermelho e viscoso	Incongruente	Sim
		de	expressa noções como: origem, causa, etc	expressa noções como: origem, causa, etc	Coincidente	Não
		barata	frio, apático	inseto achatado	Incongruente	Sim
I	quilate	quilate	posição social	medida de pureza do metal	Incongruente	Sim
I	sem / colhões	sem	ausência	ausência	Coincidente	Não
		colhões	coragem	testículos	Incongruente	Sim
I	fogo / de / vossa / fúria	fogo	intensidade	combustão com emissão de luz	Incongruente	Sim
		de	expressa noções como: origem, causa, etc	expressa noções como: origem, causa, etc	Coincidente	Não
		vossa	pronome possessivo	pronome possessivo	Coincidente	Não

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
		fúria	raiva	raiva	Coincidente	Não
I	vocês / animais	vocês	pronome	pronome	Coincidente	Não
		animais	selvagem, bruto	ser multicelular dotado de movimento	Incongruente	Sim
I	palavras / atiradas / ao/ vento	palavras	manifestação escrita ou verbal	manifestação escrita ou verbal	Coincidente	Não
		atiradas	ditas	jogadas	Incongruente	Sim
		ao	junção da preposição "a" e do artigo "o"	junção da preposição "a" e do artigo "o"	Coincidente	Não
		vento	em voz alta	movimento do ar	Incongruente	Sim
I	horas / voarem	horas	período de 60 minutos	período de 60 minutos	Coincidente	Não
		voarem	passar rápido	descolar-se pelo ar	Incongruente	Sim
I	espírito / de / Diana	espírito	comportamento	alma	Incongruente	Sim
		de	expressa noções como: origem, causa, etc	expressa noções como: origem, causa, etc	Coincidente	Não
		Diana	deusa romana da caça	deusa romana da caça	Coincidente	Não
I	rica / em / beleza	rica	abundância	quem possui muito dinheiro	Incongruente	Sim
		em	expressa relações de modo, finalidade, etc	expressa relações de modo, finalidade, etc	Coincidente	Não
		beleza	bela	bela	Coincidente	Não

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
I	deu / as / costas /	deu	deixou	cedeu, entregou	Incongruente	Sim
		as	artigo	artigo	Coincidente	Não
		costas	de lado	dorso humano	Incongruente	Sim
I	morto-vivo	morto-vivo	apático	ser que não está nem vivo nem morto	Incongruente	Sim
I	dois / verões / floresçam	dois	dois	dois	Coincidente	Não
		verões	anos	estação mais quente do ano	Incongruente	Sim
		floresçam	passar	cobrir de flores	Incongruente	Sim
I	leque / de / escolhas	leque	variedade	abano feito de material leve	Incongruente	Sim
		de	expressa noções como: origem, causa, etc	expressa noções como: origem, causa, etc	Coincidente	Não
		escolhas	opções	opções	Coincidente	Não
I	dor-de-cotovelo	dor-de-cotovelo	mágoa, desilusão	desconforto na articulação entre o braço e o antebraço	Incongruente	Sim
I	cisne	cisne	peessoa bonita	ave palmípede com pescoço longo	Incongruente	Sim

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
I	urubu	urubu	pessoa feia	ave de cabeça pelada que come carniça	Incongruente	Sim
I	galo	galo	elevação provocada por pancada	macho da galinha	Incongruente	Sim
I	abriu / o / berreiro	abriu	começou	transpor o que estava fechado	Incongruente	Sim
		o	artigo	artigo	Coincidente	Não
		berreiro	chorar	gritar	Incongruente	Sim
I	de / pernas / para / o / ar	de	expressa noções como: origem, causa, etc	expressa noções como: origem, causa, etc	Coincidente	Não
		pernas	muito	membros inferiores	Incongruente	Sim
		para	preposição	preposição	Coincidente	Não
		o	artigo	artigo	Coincidente	Não
		ar	bagunçado	mistura gasosa	Incongruente	Sim

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
I	damos / no / pé	damos	ir	entregar	Incongruente	Sim
		no	contração da preposição em e do artigo o	contração da preposição em e do artigo o	Coincidente	Não
		pé	embora	extremidade do membro inferior	Incongruente	Sim
I	alma / de / chumbo	alma	humor	espírito	Incongruente	Sim
		de	expressa noções como: origem, causa, etc	expressa noções como: origem, causa, etc	Coincidente	Não
		chumbo	pesado	elemento químico	Incongruente	Sim
I	flechado	flechado	apaixonado	varado por uma flecha/seta	Incongruente	Sim
I	galo	galo	muito corajoso	macho da galinha	Incongruente	Sim
I	palavrinha	palavrinha	conversa	palavra pequena	Incongruente	Sim
I	metal	metal	moedas	elemento químico	Incongruente	Sim
II	coração	coração	peessoa amada	órgão	Incongruente	Sim
II	sol	sol	centro da sua vida, alvo de sua afeição	estrela da Via Láctea	Incongruente	Sim
II	saciaram / a / sede	saciaram	não cansa	satisfazer plenamente	Incongruente	Sim
		a	artigo	artigo	Coincidente	Não
		sede	de ouvir	desejo de beber	Incongruente	Sim

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
II	mercadoria	mercadoria	sua amada	produto que pode ser vendido e/ou comprado	Incongruente	Sim
II	botão	botão	começo de um relacionamento	estágio da flor antes de seu desabrochar	Incongruente	Sim
II	bela / flor	bela	bem-sucedido	bonita	Incongruente	Sim
		flor	relacionamento	órgão da reprodução de plantas	Incongruente	Sim
II	desconhece / fronteiras	desconhece	não tem	não conhece	Incongruente	Sim
		fronteiras	fim	limite entre duas regiões	Incongruente	Sim
II	olhos / cinzentos	olhos	nuvens	órgão da visão	Incongruente	Sim
		cinzentos	de chuva	da cor cinza	Incongruente	Sim
II	doce	doce	tranquilo, agradável	açucarado	Incongruente	Sim
II	olhos	olhos	a aparência da pessoa amada é importante	órgão da visão	Incongruente	Sim
II	água salgada*	água salgada	lágrimas	água salina	Incongruente	Sim
II	temperar	temperar	tentar fazer funcionar	pôr tempero	Incongruente	Sim
II	insosso	insosso	falhou, não deu certo	sem sal	Incongruente	Sim

\* As unidades lexicais presentes na expressão “água salgada” foram interpretadas conjuntamente.

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
II	babavas	babavas	encantado, fascinado	salivar	Incongruente	Sim
II	sepultar	sepultar	esquecer	enterrar	Incongruente	Sim
II	coração-de-pedra	coração-de-pedra	fria, insensível	coração feito de pedregulhos	Incongruente	Sim
II	apunhalado	apunhalado	apaixonado	ferido por um punhal	Incongruente	Sim
II	flor	flor	simpática, gentil	órgão da reprodução de plantas	Incongruente	Sim
II	florido	florido	apaixonado	adornado com flores	Incongruente	Sim
II	amargo	amargo	ressentido	sabor desagradável, como fel	Incongruente	Sim

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
II	tapa / com / luva de pelica**	tapa	retrucar	pancada aplicada com a mão aberta	Incongruente	Sim
		com	de maneira	termo que expressa companhia	Incongruente	Sim
		luva de pelica	elegante	luva feita de pele de carneiro	Incongruente	Sim
II	passar-lhe / a / perna	passar-lhe	agir	entregar	Incongruente	Sim
		a	artigo	artigo	Coincidente	Não
		pernas	de maneira traiçoeira, enganar alguém	membros inferiores	Incongruente	Sim
II	doce	doce	gentil	açucarado	Incongruente	Sim
II	doce	doce	agradáveis	açucarado	Incongruente	Sim
II	cara / tão / azeda	cara	expressão	rosto	Incongruente	Sim
		tão	muito	muito	Coincidente	Não
		azeda	contorcida (fazendo careta)	sabor ácido	Incongruente	Sim

\*\* As unidades lexicais presentes na expressão “luva de pelica” foram interpretadas conjuntamente.

ATO	METÁFORA	ELEMENTOS	SIGNIFICADO CONTEXTUAL	SIGNIFICADO BÁSICO	SIGNIFICADO CONTEXTUAL X SIGNIFICADO BÁSICO	USADO METAFORICAMENTE?
II	tempestade / em / copo / d'água	tempestade	exagerar	chuva violenta	Incongruente	Sim
		em	expressa relações de modo, finalidade, etc	expressa relações de modo, finalidade, etc	Coincidente	Não
		copo	situação	recipiente cilíndrico usado para beber algum líquido	Incongruente	Sim
		d'água	simples	com água	Incongruente	Sim
II	felicidade	felicidade	sua amada	satisfação	Incongruente	Sim

## APÊNDICE B

Mapeamento das expressões metafóricas utilizadas nos atos I e II.

ATO	TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO (L&PM)	ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO UTILIZADA
I	"No, for then we should be <b>colliers</b> "	"Caso contrário, teríamos <b>sangue de barata</b> ."(p.13)	Substituição
I	"I serve as good a man as you."	"Sirvo um homem de seu <b>quilate</b> ." (p.16)	Inserção da Metáfora
I	"What, art thou drawn among these <b>heartless</b> hinds?"	"[...] no meio desses fracotes <b>sem colhões</b> ?" (p.16)	Substituição
I	[...] you [...] that quench the <b>fire</b> of your pernicious rage [...].	"[...] vocês [...] que aplacam o <b>fogo</b> de vossa fúria [...]." (p.18)	Tradução Stricto Sensu

I	[...] you men, you <b>beasts</b> [...]	"[...] vocês, homens, vocês, <b>animais</b> [...]." (p. 18)	Tradução Stricto Sensu
I	"[...] bred of an <b>airy word</b> [...]."	"[...] nascidas de <b>palavras atiradas ao vento</b> [...]. (p. 18)	Tradução Stricto Sensu
I	"Not having that which having makes them short."	"[...] quando se tem, faz as <b>horas voarem</b> ." (p.21)	Inserção da Metáfora
I	"[...] she hath <b>Diana's wit</b> [...]."	"[...] pois tem o <b>espírito de Diana</b> [...]." (p.24)	Substituição
I	"O, she is <b>rich in beauty</b> [...]"	"Ah, ela é <b>rica em beleza</b> [...]." (p.24)	Tradução Stricto Sensu
I	"She hath forsworn to love [...]"	"Com um juramento, <b>deu as costas</b> ao amor." (p.24)	Inserção da Metáfora
I	"Do I live dead that live to tell it now."	"[...] vivo eu morto, um <b>morto-vivo</b> para agora contar minha desgraça." (p.24)	Inserção da Metáfora

I	"Let two more summers <b>wither</b> in the pride [...]"	"Deixemos que outros dois verões <b>floresçam</b> [...]." (p. 26)	Substituição
I	"[...] within her scope of choice [...]"	"[...] é dentro do <b>leque de escolhas</b> dela [...]" (p.26)	Inserção da Metáfora
I	"Your plantain leaf is excellent for that."	"Teu chazinho para <b>dor-de-cotovelo</b> é excelente para isso." (p.27)	Inserção da Metáfora
I	"And I will make thee think <b>swan</b> [...]"	"[...] começas a pensar que esse <b>cisne</b> [...]." (p. 29)	Tradução Stricto Sensu
I	"[...] a <b>crow</b> ."	"[...] não passa de um <b>urubu</b> ." (p. 29)."	Substituição
I	"[...] it bad upon it brow a bump as big as a young cock'rel's stone."	"[...] ela tinha na testa um <b>galo</b> tão grande [...]." (p.32)	Inserção da Metáfora
I	"[...] and it cried bitterly."	"[...] e ela abriu o <b>berreiro!</b> " (p.32)	Inserção da Metáfora

I	"[...] the nurse cursed in the pantry, and everything in extremity."	"A ama está sendo xingada na copa, e tudo está <b>de pernas para o ar.</b> " (p.35)	Inserção da Metáfora
I	"We'll measure them a measure, and be gone."	"Quanto a nós, dançamos alguns compassos e <b>damos no pé.</b> "	Inserção da Metáfora
I	"I have a <b>soul of lead</b> so stakes me to the ground I cannot move."	"Minha base é esta <b>alma de chumbo</b> [...]." (p.36)	Tradução Stricto Sensu
I	"I am too sore <b>enpierced</b> with his shaft [...]."	"Estou tão dolorosamente <b>flechado</b> por sua seta [...]." (p.36)	Substituição
I	"You will set <b>cock-a-hoop!</b> You'll be the man!"	"Queres dar uma de <b>galo?</b> Não sejas presunçoso!"(p.44)	Substituição
I	"Madam, your mother craves a <b>word</b> with you."	"Senhorita, sua mãe gostaria de ter uma <b>palavrinha</b> consigo." (p.46)	Tradução Stricto Sensu
I	"[...] he that can lay hold of her shall have the <b>chincks.</b> "	"[...] aquele que conseguir agarrá-la enches os bolsos de <b>metal sonante.</b> " (p. 46)	Substituição

II	"Can I go forward when <b>my heart</b> is here?"	"Como posso ir embora, quando <b>meu coração</b> está aqui?" (p. 49)	Tradução Stricto Sensu
II	"It is the east, and Juliet is the <b>sun</b> ."	"Vem do leste, e Julieta é o <b>sol!</b> " (p.51)	Tradução Stricto Sensu
II	"My ears have yet not <b>drunk</b> a hundred words [...]."	"Meus ouvidos ainda não saciaram a <b>sede</b> de uma centena de palavras [...]." (p.53)	Substituição
II	"[...] I should adventure for such <b>merchandise</b> ."	"[...] ainda assim me arriscaria por <b>mercadoria</b> tão preciosa." (p.54)	Tradução Stricto Sensu
II	"This <b>bud</b> of love [...]."	"Este <b>amor</b> em botão [...]" (p.56)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] may prove a <b>beauteous flower</b> when next we meet."	"[...] "pode se mostrar uma <b>bela flor</b> quando nos encontrarmos novamente." (p.56)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] the more I give to thee, the more I have: for both are infinite."	"[...] minha entrega desconhece <b>fronteiras</b> ." (p.56)	Inserção da metáfora

II	"The <b>grey-ye'd</b> morn [...]"	"Esta manhã de <b>olhos cinzentos</b> [...]" (p.59)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] the <b>sweeter</b> rest was mine."	"O mais <b>doce</b> dos repousos foi o meu." (p.61)	Tradução Stricto Sensu
II	"Young men's love then lies not truly in their hearts but in their <b>eyes</b> ."	"Então o amor dos jovens encontra-se não verdadeiramente em seus corações, mas em seus <b>olhos</b> ."(p.62)	Tradução Stricto Sensu
II	"How much <b>salt water</b> thrown away in waste [...]"	"Quanto desperdício de <b>água salgada</b> [...]" (p.62)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] to <b>season</b> love [...]"	"[...] para <b>temperar</b> um amor [...]" (p. 62)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] that of it doth <b>not taste</b> !"	"[...] que terminou ficando <b>insosso</b> !" (p.62)	Substituição
II	"For doting, not for loving, pupil mine."	"Não por amares, mas porque <b>babavas</b> por ela, meu pupilo." (p.62)	Inserção da metáfora

II	"And bad'st me <b>bury</b> love."	"E me aconselhava a <b>sepultar</b> esse amor." (p.62)	Tradução Stricto Sensu
II	"Why, that same pale <b>hard-hearted</b> wench, that Rosaline [...]."	"Ah, aquela Rosalina de sempre, pálida, <b>coração de pedra</b> [...]" (p.63)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] <b>stabbed</b> with a white wench's black eye, run through the ear with a love-song [...]."	"[...] <b>apunhalado</b> pelos olhos escuros daquela pálida Rosalina [...]" (p.64)	Tradução Stricto Sensu
II	"Pink for <b>flower</b> ?"	"Uma <b>flor</b> de pessoa." (p.66)	Substituição
II	"[...] then is my pump well <b>flowered</b> ."	"Mas meu coração está <b>florado</b> ." (p.66)	Substituição
II	"Thy wit is a <b>very bitter sweeting</b> [...]."	"Teu humor está <b>meio amargo</b> ." (p.67)	Substituição
II	"O, here's a <b>wit of cheveril</b> , that stretches from an inch narrow to an ell broad."	"Uma piada que é um <b>tapa com luva de pelica!</b> " (p.67)	Substituição

II	"[...] if ye should lead her in a <b>fool's paradise</b> , as they say, it were a very gross kind of behaviour [...]."	"[...] se está pensando em <b>passar-lhe a perna</b> , como se diz, esse seria um comportamento dos mais nojentos [...]." (p.71)	Substituição
II	"[...] my mistress is the <b>sweetest</b> lady."	"Minha patroa é a mais <b>doce</b> das damas." (p.72)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] the music of <b>sweet</b> news [...]."	"[...] melodia de <b>doce</b> novas [...]" (p. 74)	Tradução Stricto Sensu
II	"[...] with so <b>sour</b> a face."	"[...] com cara tão <b>azedada</b> ." (p. 74)	Tradução Stricto Sensu
II	"Here's such a <b>coil</b> !"	"Que <b>tempestade em copo d'água</b> !" (p.76)	Substituição
II	"Hie to <b>high fortune</b> !"	'Apresso-me, corro para a minha <b>felicidade</b> !' (p.76)	Substituição